

SEGUNDO CADERNO

TERÇA-FEIRA 16.10.2012
oglobo.com.br

Uma edição especial só com notas sobre a novela 'Avenida Brasil', que termina na sexta

Gente Boa pág. 3
JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS



FRANKFURT INCERTEZAS POLÍTICAS RONDAM A HOMENAGEM AO BRASIL EM 2013



pág. 10



DIVULGAÇÃO/FLAVIA MAIRA

NETOS DO CLUBE

Cresce, e começa a ganhar espaço, uma geração da música mineira que une lições de Milton e cia. com a articulação da BH de hoje

LEONARDO LICHOTE
lichote@oglobo.com.br

Com leveza mineira, o violonista e compositor Thiago Delegado define: — Não somos mais os filhos do Clube da Esquina, somos os netos, e neto tem sempre mais liberdade e regalia. Isso nos dá oportunidade de experimentar mais, ousar mais, sem o peso de ser a continuidade desse movimento tão vitioso e importante.

Delegado fala da geração de músicos que floresceu ao longo da última década em Minas Gerais, sobretudo em Belo Horizonte, discretamente — como que reafirmando o mito mineiro da ação sem alarde. Artistas como ele próprio, Juliana Perdigão, Makely Ka, Graveola e o Lixo Polifônico, César Lacerda e Luiza Brina, que silenciosamente começam a conquistar espaço no Brasil e fora dele — apenas como exemplos, o Graveola lança seu CD na Europa (atualmente está em turnê lá) e, ao lado de Delegado e Makely Ka, integra uma noite mineira na Womex, uma das mais importantes feiras de música do mundo, realizada entre hoje e o dia 21.

A cena é ampla e inclui a crueza rock do Hell's Kitchen Project e o rap positivo de Flávio Renegado. Mas a cena dentro da cena de que trata esta reportagem é a dos herdeiros da tradição harmônica tão desafiadora quanto bela, do olhar que vê o pop além de sua superfície — dos netos do Clube da Esquina, enfim. As características de cada um são bem marcadas, mas os artistas tratados aqui — e que representam outros tantos — se aproximam na forma como abordam a música popular. Respeitam os avós e mostram que aprenderam suas lições musicais, mas olham para frente com a consciência de que nada será como antes amanhã.

— Há um equilíbrio muito sutil entre vanguar-

da e tradição na engenharia de construção de uma canção. Apresentar alguma inovação e ainda assim dialogar com a tradição me parece muito mais arrojado do que simplesmente uma ousadia formal gratuita, sem referências — acredita Makely, que avalia o papel da beleza nessa nova música mineira. — Penso que há dois caminhos. Um deles é fácil, escorado em convenções universalmente aceitas como belas, melodias doces, harmonias funcionais, letras suaves. Essa beleza cansa rápido e não interessa. A outra é a beleza difícil, que causa estranhamento, que deixa uma dúvida, que você vai percebendo aos poucos, vai descobrindo em camadas, vai se surpreendendo. Essa é a beleza que interessa. Talvez seja esse o nosso caminho, do equilíbrio formal e da beleza difícil.

DIÁLOGO COM UMA MINAS MÍTICA

A clarinetista, cantora e compositora Juliana Perdigão (integrante da Graveola e também da banda de Tulipa Ruiz, além de ter uma carreira solo), completa a ideia:

— Aqui tem mesmo uma certa busca pelo caminho do esmero musical, da harmonia dissonante, das melodias sinuosas, do domínio instrumental, das letras e arranjos plenos de nuances. Percebo que a reverência aos clássicos já vem impregnada pela sua subversão.

Há um diálogo com uma Minas mítica, que engloba o Clube da Esquina — todos os entrevistados têm consciência dessa dimensão e constroem seu discurso (e talvez sua música) um tanto a partir dela, seja para negá-la ou abraçá-la. Mas a atmosfera que emerge do som e da fala deles é muito mais reveladora de um lugar contemporâneo. A Belo Horizonte deles é a dos músicos articulados em associações, cooperativas e movimentos civis (como "Fora Lacerda", contra o prefeito Márcio Lacerda, e

"Praia da Estação", ocupação bem-humorada de uma área urbana para marcar uma posição sobre a política de ocupação cultural de espaços públicos). Uma união que surgiu com um sentido de sobrevivência numa cidade na qual, para os músicos, parecia fundamental conhecer leis de incentivo, editais e saber afirmar seus pontos de vista perante o governo. Uma reinvenção da cidade, como aponta o compositor César Lacerda, mineiro que mora no Rio há cinco anos: — Por uma deficiência a cidade precisou se reinventar. Os músicos precisaram se unir a fim de criar um cenário possível. Consigo enxergar dois grandes acontecimentos culturais em períodos distintos, ambos dialogando entre si. Primeiro: "A outra cidade", disco-manifesto encaixado por Makely Ka, Pablo Castro e Kristoff Silva lançado em 2002 com participação de mais de 30 músicos. É o gesto que transforma a cidade. É a primeira vez, depois do Clube da Esquina, do pop e do metal dos anos 1990, que surge uma geração comprometida com uma renovação do cenário musical. Segundo: Praia da Estação e (o revitalizado) Carnaval de BH. Dois momentos de intensificação do gesto agregador na cidade. É quando os coletivos, os artistas e a sociedade se juntam de maneira lúdica a fim de discutir na rua assuntos centrais na vida política da cidade. A banda-coletivo Graveola e o Lixo Polifônico tem papel central nestes momentos. O resultado é uma Belo Horizonte agregadora, uma "roça grande", como define Delegado: — Isso gera uma cumplicidade, uma troca de ideias e agrega demais no modo com a gente faz a música acontecer. Todos nós nos conhecemos, gravamos uns nos discos dos outros, trocamos influências entre nós mesmos, e isso resulta numa música mais rica.

Continua na página seguinte

▼ Cara a cara

GRAVEOLA E O LIXO POLIFÔNICO (à esquerda)

Idades: entre 25 e 33

Discos: "Graveola e o Lixo Polifônico" (2009), "Um e meio" (2010) e "Eu preciso de um liquidificador" (2011/2012)

Como se define: "Lúdico experimental, barrocobeat, boa música e péssimos cortes de cabelo, estética do plágio etc."

MAKELY KA

Idade: 37

Discos: "A outra cidade" (2003), "Danaide" (2006), "Autófono" (2008), "Cavalo motor" (aplicativo para celulares e tablets, 2012)

Como se define: "Minha música é um produto contra-industrial para médios e pequenos públicos"



JULIANA PERDIGÃO

Idade: 33

Discos: "Álbum desconhecido" (2012), solo. Já gravou com grupos como Elefante Groove, A Outra Cidade, Proa e Graveola.

Como se define: "As situações de risco me são caras, acho que a tática da cara a tapa não deixa de ser uma escola"



THIAGO DELEGADO

Idade: 29

Discos: "Serra do Curral" (2010) e "Thiago Delegado Trio ao vivo no Museu de Arte da Pampulha" (previsto para 2012)

Como se define: "Cresci ouvindo samba e bossa nova, me profissionalizei no choro e faço Música Instrumental Brasileira"



CÉSAR LACERDA

Idade: 25

Discos: "César Lacerda" (EP, 2011), "Ouça de fone", com Luiza Brina (2012). Em março de 2013 lança seu primeiro disco solo

Como se define: "Não consigo definir minha música. Nem quero. Esse sentimento leviano me suspende da barreira"



LUIZA BRINA

Idade: 24

Discos: "A toada vem é pelo vento", com O Liquidificador (2011), e "Ouça de fone", com César Lacerda (2012)

Como se define: "Canção. Regada de culturas populares, mundo contemporâneo, desarranjos, espiritualidades e paixão"



NETOS DO CLUBE CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

A compositora Luiza Bri-
na, que também mora
no Rio, dá exemplos:

— Neste ano foram lançados discos como o do Thiakov, que apresenta influências de rock, blues e jazz; o da banda Urucum na Cara, que realiza pesquisa sobre cultura popular, principalmente mineira; o do Rafael Martini, que transita entre a canção e a música instrumental, com arranjos refinados; o do Gustavito, um axé político e psicodélico. É interessante porque se você olhar os encartes dos discos percebe uma grande interação entre os instrumentistas e também entre os compositores.

A recente aventura de Makely no sertão mineiro — assim como seus frutos futuros — dão uma ideia da dimensão dessa diversidade. O compositor acaba de percorrer cerca de 1.800 km de bicicleta, acompanhando o percurso do personagem Riobaldo, de “Grande

sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa. No caminho, registrou vídeos, fotos e áudios que usará em seu próximo disco, “Cavalo motor”, e nos shows. Na volta, ele trouxe, além das gravações, uma lição fundamental da geografia sertaneja.

— A cartografia do sertão é labiríntica e mistura o real com o imaginário, as informações sempre levavam a outros caminhos e eu sempre me perdia neles, apesar dos mapas, do GPS e das indicações. Isso reflete a forma de aquelas pessoas lidarem com o espaço, que não passa pela racionalização das cidades planejadas, das vias pavimentadas, dessa civilização ordenada em coordenadas cartesianas. Às vezes um sinal quase imperceptível é determinante: um tronco marcado, uma pedra, um pequeno curso d’água, que pode estar seco inclusive. Isso tende a se refletir na minha música nos detalhes, um timbre inefável,

um som quase inaudível, detalhes que podem fazer o ouvinte sair da trilha demarcada e se perder na audição. Para buscar esse impacto eu pretendo usar as gravações que realizei durante a viagem, as paisagens sonoras, as conversas, as rezas, mas também a participação de três convidados que trabalham com esses elementos labirínticos: os grupos mineiros O Grivo e Uakti e o guitarrista americano-brasileiro Arto Lindsay.

‘REGIÃO DE PASSAGEM’

Entre o imaginário mineiro e a realidade pragmática da política, portanto, se constrói essa geração da música de Minas — um estado, como nota José Luis Braga, da Graveola e o Lixo Polifônico, que faz divisa com outros cinco e é historicamente “região de passagem”.

— Claro, se há alguma referência que podemos chamar ingenuamente de genuína, ela está ancorada no “movimento

da esquina”. Mas, na realidade, as coisas estão bem mais misturadas e a cena musical mineira da atualidade está aí para provar essa confusão, quando ouvimos a harmonia mineira dialogando com o rock rural, a complexidade de um arranjo instrumental camerístico complicando a simplicidade dos três acordes de uma balada de rock. Talvez sejam essas Minas Gerais (e o nome do estado no plural é mais um sintoma desta multiplicidade), turvas e rosianas, opacas e drummondianas, rurais e urbanas, corrompidas por diversos estímulos e influências ao longo de sua história, as que mais utilizamos como referências em nossa música. A música mineira pode parecer para o mundo uma coisa orgânica, regionalizada, homogênea, mas para nós ela não passa de um pedacinho desse mundo, com a vantagem de termos o Milton Nascimento, claro. ●